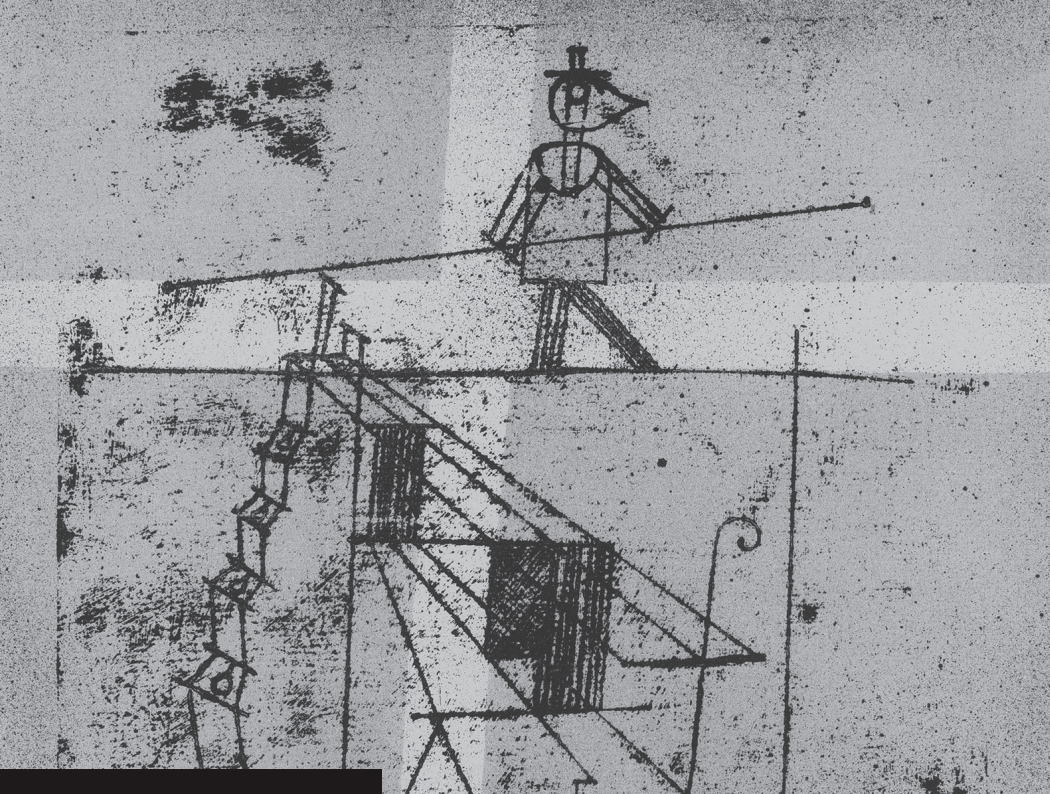




PSICANÁLISE

Michel Bousseyroux

Correndo o risco da topologia e da poesia

Expandir a psicanálise

Blucher

▲ Série
Dor e Existência

Correndo o risco da topologia e da poesia

Expandir a psicanálise

Michel Bousseyroux

Tradução

Cícero Alberto de Andrade Oliveira

Revisão técnica

Conrado Ramos

Revisão da tradução e notas (editor)

Miriam Ximenes Pinho-Fuse

Título original: *Au risque de la topologie et de la poésie: élargir la psychanalyse*,
de Michel Bousseyroux

© Éditions érès 2011

Correndo o risco da topologia e da poesia: expandir a psicanálise

© 2025 Editora Edgard Blücher Ltda.

Editora Edgard Blücher Ltda.

Série Dor e Existência, organizada por Cibele Barbará, Miriam Ximenes

Pinho-Fuse e Sheila Skitnevsky Finger

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Regiane da Silva Myiashiro

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Capa Juliana Horie

Imagem de capa *The Tight Rope Walker (Seiltänzer)*, 1923, de Paul Klee,

via Wikimedia Commons

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
qualquer meios sem autorização escrita da
editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Bousseyroux, Michel

Correndo o risco da topologia e da poesia : expandir
a psicanálise / Michel Bousseyroux; tradução de Cicero
Alberto de Andrade Oliveira. – São Paulo : Blucher, 2025.

448 p. : il. – (Série Dor e Existência / organizada por
Cibele Barbará, Miriam Ximenes Pinho-Fuse, Sheila
Skitnevsky Finger).

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2473-0 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2475-4 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2474-7 (Eletrônico – PDF)

Título original: *Au risque de la topologie et de la
poésie: élargir la psychanalyse*

1. Psicanálise. 2. Topologia (Psicanálise). 3. Psicanálise
e poesia. 4. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Título. II. Série.
III. Oliveira, Cicero Alberto de Andrade. IV. Barbará,
Cibele. V. Pinho-Fuse, Miriam Ximenes. V. Finger, Sheila
Skitnevsky.

CDU 159 .964.2

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio à edição de bolso	15
Prefácio à primeira edição <i>Albert Nguyen</i>	21
Prefácio à edição brasileira “Você sonha muito? De que são feitos os seus sonhos?” <i>Conrado Ramos</i>	27
Preâmbulo	49

Parte I

O ser sexuado e seus gozos Entre lógica e topologia

1. Pesquisas sobre o gozo outro	55
2. O <i>nãotodo</i> : sua lógica e sua topologia	79
3. O espaço do estreitar-se e seu nó	101

Parte II

Estruturas clínicas e nomações O que se aprende com a topologia

4. Revisão da paranoia	117
5. Da fissura aos abismos	127
6. O homem que perdera seu reflexo por causa de uma flor	139
7. As doenças da indistinção	149
8. A não relação sexual e o que faz suplência a ela A relação sexual e o que faz frente a ela	157
9. Identidade: o Homem dos lobos O passaporte da fantasia	173
10. Philippe, o Claro O <i>falasser</i> ao clarão da letra	197
11. Nomes e renomes do Pai Contribuição para uma teoria borromeana da nomação	217
12. Posição do sintoma	237
13. Mais além do inconsciente, 4, 5, 6	253
14. O Nóbo de Lacan Visão de conjunto sobre a clínica borromeana	277

Parte III

O tempo do fim A experiência do real e sua topologia

15. O objeto kleiniano e o passe	301
16. Passe e fim pelo nó	331

17. O tempo urge	337
18. Tampão do real e desfecho da análise	365

Parte IV
Lacan, Blanchot, Celan, Cheng:
à beira do étrou

19. Do matema ao poema: qual real?	375
20. Qual poesia depois de Auschwitz? Paul Celan: a experiência do verdadeiro furo	387
21. A resposta de Maurice Blanchot: sua <i>Befindlichkeit</i> no real	415
22. Fazer mais que falar: o Vazio mediano e a escrita borromeana	425
Referências	435
Outros títulos da Série Dor e Existência	447

Prefácio à edição de bolso

A segunda edição, de bolso, deste livro, sete anos depois da primeira, é, na verdade, *a posteriori*, o prólogo de uma tetralogia em que ele logicamente vem tomar lugar diante de *Lacan le Borroméen. Creuser le nœud* (Êrès, 2014, Prêmio CEdipe le Salon 2015), *Penser la psychanalyse avec Lacan. Marcher droit sur un cheveu* (Êrès, 2016) e *La réson depuis Lacan* (Stilus, 2018). Tetralogia que tem como tema principal o Nóbo,¹ do qual Lacan pôde dizer que seus três círculos lhe advieram como *Ring* no dedo. O *Ring* de Lacan não é um anel de fumaça em uma nuvem de símbolos. É algo duro, como um osso. O *Ring* de Lacan é o sintoma, o anel suplementar do *sinthoma* necessário para enodar, sem que nenhum dos três se encadeie numa relação com um dos outros dois, o real, o simbólico e o imaginário, sem os quais nada da fala efetivamente opera quando nós a situamos, se é que se é psicanalista, a partir do discurso psicanalítico. O que ali se escreve ao se fazer, por assim se entrelaçar, faz poema que, para rematar, o sujeito deve, se ele quiser tomar ciência de seu

1 *Neubo*, no original. No Seminário 23, Lacan introduz o termo “nœud bo”, traduzido como “nó bo”, na versão da Jorge Zahar. Optamos pela forma composta “nóbo”, para seguirmos ao pé da letra do autor. (N.E.)

nó, assinar/de signar [*de signer*]. É o que fez Lacan, no dia em que, ao dizer ter nascido “poema e não poueta [*né poème et papouète*]”;² assinou o poema *Là quand*,³ para responder ao nativo *ser onde* [*être où*] do recém-nascido quando cai do furo [*étrou*].⁴

Lacan correu o risco do Nóbo – que não é apenas o fato de que o nó possa se romper, mas também que se consiga distinguir nominalmente seus anéis e que eles acabem por se confundir por meio de uma continuidade. O *sinthoma*, por sua capacidade de nominação do simbólico, é a condição de saída da regressão topológica ao trevo paranoico. Não é a única, já que Lacan esboçou, ao final de seu seminário *R.S.I.*, outras possibilidades de nominação, por inibição, do imaginário e, por angústia, até mesmo por fantasia, do real – possibilidades essas postas à prova, neste livro, do caso de Gödel e do caso do Homem dos lobos.

O *Ring* do *sinthoma* também permite repensar o tempo do fim da análise como Lacan havia pensado com o anel tórico da neurose em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967”.⁵ A tese topológica exposta em “O aturdido”⁶ era a seguinte: a análise reproduz o toro da neurose e opera aí sucessivamente uma dobra, um corte e uma costura. A dobra é a do sujeito suposto saber na entrada na neurose

2 “*Pouète*” remete provavelmente a “*pou*”, forma contraída de “*papou*”, que é uma variação carinhosa de “*papa*” (papai) com o neologismo “*papouète*” criado por Léon-Paul Fargue. Ver mais detalhes na nota 1 do Capítulo 15, “O objeto kleiniano e o passe”. (N.T.)

3 Jogo homofônico que Lacan faz com seu próprio sobrenome (Lacan) e os advérbios *là* e *quand* em francês. (N.T.)

4 *Étrou* é um jogo homófono de Lacan contraindo as expressões “*être où?*” [ser onde] e “*est trou*” [é furo]. Segundo o autor, pela contração do *étrou*, “a cópula e o predicado desaparecem no furo do sujeito”. Ver Capítulo 15, “O objeto kleiniano e o passe”. (N.T.)

5 Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola. In *Outros escritos* (pp. 248-264). Zahar. (Publicado originalmente em 1967).

6 Lacan, J. (2003). O aturdido. In *Outros escritos* (pp. 448-497). Zahar. (Publicado originalmente em 1972).

de transferência, dobra que faz do toro uma falsa banda de Möbius. O corte é aquele, fechado em dupla volta, do dizer da interpretação que faz passar [*fait passe*], por produzir a banda bilateral do objeto *a* que daí cai. A costura é a de borda a borda que dessa tira faz uma banda de Möbius, então identificada por Lacan no final da análise como estável a partir da planificação do falo. Simples assim, com papel e tesoura! Mas no tratamento, é mais complicado!

Esse modelo topológico da operação analítica não é borromeano, mas é nodal: o corte desenha um nó no toro e esse nó tórico, chamado de nó de trevo, acaba sendo o nó de borda da banda. Lacan também explorou, em 1965, outro modelo topológico do passe, mais tortuoso. É a garrafa de Klein. Em nosso espaço 3D, ela equivale a uma “cueca” de Möbius [*slip de Möbius*], ou seja, um toro furado com uma meia-torção, mas enquanto pura superfície, ela é um toro que se enoda num hiperespaço de dimensão 4, de modo que é um nó que é não legível sem a dimensão tempo. Pode-se mostrar, entre outras estranhezas, que o toro de Klein furado pode ser desdobrado e que a estrutura de sua dobra, ao contrário da estrutura comutativa do toro sem meia-torção da neurose pela qual o sentido se *torefica* como duplamente gozado, opõe-se ao fato de que o sentido possa ser, enquanto fálico, pleno de si. Tanto que se poderia falar de um passe kleiniano, ou ainda de um passe pelo *étrou*, como Lacan o chama quando fala daquilo que ele teria dito do poema que, como *papouète*, se considera ser, se no passe tiver se arriscado – *étrou* cujo nome próprio é o tampão que ele faz saltar assinando-o: *Là quand*. Esse poema que Lacan afirma ser tem algo de parmenidiano. Mas ele não coloca a questão sobre *o que é ou não é*. Sua questão é ontotopológica: *ser onde?* É o “onde”, o *topos* que questiona e que cai no *étrou*. Mas essa questão de espaço, ou melhor, do *nãoespaço* [*n'èspace*], criada pelo furo se volta em resposta ao tempo, com a assinatura: *Là quand*. Lacan, aliás, não reduz seu nome próprio apenas ao comum de dois advérbios de tempo. Ao assinar *Là quand*, ele se torna unidade de tempo,

como o prisioneiro do tempo lógico que sai quando sabe que é branco. Assinar o poema que se é sem ser seu autor é romper o fio, o fio da histoeria [*hystoire*],⁷ romper o *moterialismo histoérico*⁸ [*motérialisme hystorique*] de *lalíngua*, tornando-se não o filho do tempo, não o pai do tempo, mas a criança-tempo, como Heráclito profere ao dizer que o tempo é uma criança que brinca por brincar, para gozar, portanto. Não há como assinar o fragmento de poema que o inconsciente-*lalíngua* nos faz ser sem jogar à *la mourre*,⁹ no qual é a foice do tempo que empurra o tampão do real.

Essa questão do tampão e do *étrou* desemboca no outro passe, aquele legível por meio do “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”,¹⁰ datado de 17 de maio de 1976, que propõe uma passagem pelo real então definido como falta da falta, o real apenas emergindo da corrida pela verdade mentirosa e seu “*sens-issue*”¹¹ como tampão, tampão da falta que é o objeto causa do desejo, com esse efeito retardado que ele pode produzir e manter no tempo do fim de análise, como um atraso, um prolongamento (*die Frist* de Jacob Taubes) que não cessa de prolongar o *katéchon* pauliniano – o que chamo de *efeito Penélope*. O inconsciente é real na medida em que é esse tampão que obtura a via do sentido. Esse tampão pode ser situado no nó de duas formas, podendo o real ou preencher o círculo

7 Lacan escreve *hystoire* [histoeria] com *y*, como em *hystérie* [histeria], condensando história e histeria para marcar, no dizer da história particular, o que ela tem de invenção, ficção. (N.T.)

8 Em francês, *motérialisme*, termo que equivoca os vocábulos *mot* [palavra] e *matérialisme* [materialismo]. (N.T.)

9 *Le jeu de la mourre*, o jogo da morra, citado por Lacan na “Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de *Lol V. Stein*” também comparece no título do Seminário 24, *L’insu que sait de l’une-bevue s’aile a mourre*. Ver mais detalhes na nota 2 do Capítulo 13. (N.T.)

10 Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In *Outros escritos* (pp. 567-569). Zahar. (Publicado originalmente em 1976).

11 *Sens-issue* é o “sentido extraído”, “tirado”, “deduzido”, que também se lê como “*sans issue*”, ou seja, “sem saída”, “impasse”. (N.T.)

do imaginário, do corpo, e isso é a angústia, ou ser tamponado por aquilo que do inconsciente se manifesta, e isso é o sintoma.

A lógica borromeana de Lacan desemboca naquilo que poderia ser posto como um teorema: não há outra entrada para o *falasser* no real senão o sintoma. É isso que o borromeano generalizado demonstra, ou seja, o novo nó de três que resulta da emenda do nó de quatro. Esse borromeano generalizado tem como propriedade topológica equivaler por homotopia a um não nó, em outras palavras, ao seu denodamento. Isso demonstra que é justamente o *Ring* do *sinthoma* que é o gerador do real do três desencadeado, como tal fora de sentido, cujo sintoma, na medida em que a emenda da interpretação o reduziu ao que ele tem de mais real, então é de fato a única entrada.

Vê-se bem que, de 1967 a 1976, Lacan mudou seu modelo de pensar a análise, sua operação e seu objetivo. Em 1976, uma vez aprendida a lição de Joyce sobre o *sinthoma*, o modelo topológico da análise não é mais o toro da neurose que a análise reproduz e do qual o corte do passe faz cair o objeto. O modelo não é mais a neurose, é o *falasser*, não é mais o toro, é o Nóbo, que assegura o *Ring* do *sinthoma* por meio do qual o inconsciente se efetua.

A sequência operatória não é mais, portanto, como em “O atur-dito”: dobramento do toro (ou esburacamento, para a garrafa de Klein) – corte – costura. A sequência operatória é antes: falha, lapso do nó R.S.I. (pois os círculos se enodam conquanto não estejam enodados) – enodamento por meio do *Ring* nomeador do sintoma (com auxílio possível, se ainda falhar, de um quinto ou até mesmo um sexto *Ring* nomeador) – colocação em consonância do sintoma e do inconsciente – emenda redutora do sintoma que produz o borromeano generalizado – denodamento pela realização do corte, o único a fazer cair o sentido ao qual o sintoma estava ligado.

O corte diz respeito ao dizer, àquilo que dele se escreve, na medida em que esse dizer faz nó. Isso é verdade tanto para a topologia pré-borromeana de 1972 (“O aturdito”) quanto para a topologia de 1976. Contudo, o corte de 1976, aquele do dizer que forma um nó borromeano, não segue o trajeto pelo qual o nó tórico se fecha em dupla volta. Tampouco é o corte de um círculo ou de uma corda que liberta os outros. Ele é isso que, na própria escrita do nó, o realiza, desde que se leia a forma como o nó se enlaça. O corte vem de um equívoco intrínseco ao borromeano generalizado, um equívoco que não é homofônico, mas homotópico. A satisfação do desenlace ao final da análise é ter assinado esse equívoco que o poema-nó escreve que fez o dizer e que desfaz o fato de lê-lo.

O ponto em que a topologia mais transformou a forma de pensar a psicanálise me parece ser o tempo, a maneira de pensar o tempo *da* análise, o fato de que ela dura e de que seja preciso muito tempo para fazê-la chegar a seu termo, e o tempo *na* análise, o fato de que o tempo para ali se dizer se abrevia. A topologia é o que melhor nos permite pensar o que é o corte, seja o corte do inconsciente ou o da sessão, e o que ele faz cair: o objeto *a*, na primeira versão do passe de 1967, o sentido, em sua versão de 1976.

Por que a topologia transforma nossa forma de pensar a psicanálise? Porque a topologia é a análise *in situ*, a análise em seu sítio, no sítio do nó que ali faz o dizer não dizendo senão os furos que ali se encontram. A topologia é *ce qui faudra* [o que será preciso] (futuro de *faillir* [falhar]) daquilo que de tempo é preciso para compreender o *aion*, cujo destino cada um, como um poema que se escreve senão daquilo que do nó se faz, é portador.

Então, por que ter escrito este livro sobre topologia e poesia? Porque, para dizer com Hans Bender e Georg Christoph Lichtenberg, meu poema é a minha faca sem lâmina e à qual falta o cabo!

Prefácio à primeira edição

A psicanálise é uma prática com riscos, uma prática em que correr um risco se repete: Lacan correu o de sair da IPA, de inventar o passe, de tirar da clínica as consequências que se impunham. Cada analisante que inicia o percurso de uma análise também corre o risco de se revelar diferente daquilo que acreditava. Lacan dizia que devia ser possível, em uma análise, correr o risco absoluto. Os textos propostos também correm riscos, risco topológico ou poético indicado no título, mas também um risco maior, o de propor novas leituras da clínica e da teoria, por exemplo do passe, e das suplências. Este livro é inovador e propõe uma leitura aguçada dos últimos seminários de Lacan e suas últimas proposições sobre o fim da análise e o passe.

Daí que ao ler o conjunto de textos propostos pelo amigo Michel Bousseyroux se entrelacem, se enodem e se denodem, dialoguem, se contradizem, disparem, voam rumo à *Une-bévue* esses jogos de linguagem que, no entanto, convergem: volta e furo alternadamente [*tour et trou tour à tour*], resposta e respondente, cima e baixo, e lapso do nó, poema contra poesia, entrecruzados no curso de uma leitura leve, erudita e exigente, tecem uma trama para *élargir* [expandir/alargar] a psicanálise.

“*Élargir*” teve primeiro o significado, conforme atestado pelo *Dictionnaire historique* de Alain Rey,¹ de “devolver a liberdade a alguém”: eis a aposta de uma psicanálise. Seria isso sem risco, e qual o risco? Este livro nos conduz ao labirinto que rasga, esculpe, faz um corte no obscuro, lança luz sobre as questões desse escritor real e silencioso: furo obturador, resposta antes da pergunta, real que tampona para destapar – nenhum outro ser senão o *falasser*: isso se escreve porque fala. No entanto, esses arranhões, essas linhas conseguem, conquanto sejam lidas, fazer faíscas, mostrando o dizer fraterno como resposta ao “desfiladeiro arrebatador” da inexistência do Outro. Ao longo do caminho, um caminho alegre, sedoso, o leitor encontra místicos (Hadewijch de Antuérpia, São João da Cruz, Hildegarda de Bingen) que escrevem este Outro gozo que é “a assunção da ausência de Deus”.

Lacan é apresentado, explicitado, comentado, interpretado, às vezes esclarecido, não qualquer Lacan, pois o período em questão vai de 1973 a 1980. Alguns dirão que é o Lacan menos conhecido, aquele que vai de *Mais, ainda* a *A topologia e o tempo*: o menos conhecido, mas o mais inovador, e não somente por ter ressaltado o gozo e por ter deslocado a clínica, mas, antes, aquele que soube, no confronto com o real, o gozo e *lalíngua*, trazer à tona os recursos (os nós) que permitiram pensar na finitude da análise. Indo adiante decidido por essa via da finitude da experiência, ele confrontou seu procedimento, denominado passe, com o efeito de nada menos que uma nova definição do inconsciente freudiano e uma definição diferente do real para assegurar esse fim da análise.

Lacan decerto, mas também as referências, trazem aos textos uma luz singular: referências lógicas inicialmente (Cantor, Gödel, Woodin), topológicas (nós), poéticas (Celan, Blanchot, Cheng, Joyce). Teriam elas algum sentido se não estivessem articuladas com um

1 Rey, A. (1998). *Le Dictionnaire Historique De La Langue Française*. Hermann.

novo exame da clínica, cujas consequências chegam a uma leitura borromeana das psicoses?

Na estrada que conduz ao verdadeiro furo – real –, os buracos dos falsos furos se revelam como engodos ou espantalhos. No caminho dos gozos – abre-se espaço para o abraço dos corpos – e do gozo feminino específico, a lógica margeia os acostamentos e a sua instabilidade.

Essa instabilidade, a partir da própria clínica, é atribuída ao borromeano, às propriedades do enodamento borromeano. Ele é impermanente, instável, o que confere sua vida à clínica: o suplemento, a solução da suplência à psicose, à forclusão do gozo pode se desfazer novamente, e se reenodar, e se redesejar, ao sabor dos acontecimentos, dos maus encontros. A clínica faz pré-texto, pré-scriptum dos desenhos dos nós. Plural dos nós, do *clover-knot* da paranoia ao nó de seis e ao *cadeia-nó*.² Nova teoria das suplências no final.

Lógica, clínica e topologia: o passe, esse procedimento desenvolvido por Lacan para que fosse recolhido o testemunho da passagem a analista, entra na dança. E justamente os ditos tão densos de Michel Bousseyroux mostram sua eficácia e potencialidades, para a experiência analítica e além: *neues Subjekt*, novo amor, até mesmo significante novo (a que Lacan convidava e que não teria nenhum tipo de sentido). Ao ler esses textos, o sentido só pode cair em desuso, ir ao abandono: é de *lalíngua* que se trata, como evidenciam as tribulações na língua celanesca ou joyceana, até mesmo lacaniana e chengiana. Esses périplos de linguagem impelem a poesia para fora para deixar o poema se escrever. Quando o poema se escreve, evaporam-se as aparências e então surge o *Urgrund*, novo *Ursprung*, a resposta ética: exigência de responsabilidade.

Mas responsabilidade de quem e de quê? O ponto deste livro dá indícios disso: o real, esse ponto de convergência contra o qual

2 Em francês, *chainœud*. Jogo de palavras que aglutina os sentidos das palavras *chaîne* (cadeia, corrente) e *nœud* (nó) em francês. (N.T.)

todos os ditos se pressionam antes de depor as armas, o real clama por responsabilidade, sexual para o *falasser*, responsabilidade que é antes de tudo uma resposta, mas também respondendo a essa exigência, à sua implacável ex-sistência através dos *résons* [razões/ressonâncias] de lalíngua.

Celan, Blanchot ou Joyce (e outros) responderam a esse real, mas o ponto de passe que Michel Bousseyroux propõe dá um passo além: que todo aquele que tiver atravessado o passe, cada passante-passado articula a dimensão do poema que ele é e o assina. Tal é a diz-mensão [*dit-mension*] ética, a única capaz de responder ao real (daí a fórmula passe ao real), a única capaz de fazer resposta a resposta que ele impõe, surgida diante da questão que o sujeito poderia formular.

O psicanalista não tem mais a função de somente cortar e opor-se, mas pode, antes, a partir de seu “se saber dividido”, prestar-se, essa é sua responsabilidade, para que todo aquele que lhe demande tenha a chance de fazer *l'étrouvaille*³ do respondente que constitui sua resposta ao real. Se Lacan primeiro fez do “sujeito como efeito de significação uma resposta ao real”, fica claro, seguindo o fio condutor deste livro, que cabe ao *falasser* essa responsabilidade de responder ao real.

A experiência do real, fio vermelho condutor do livro, não está reservada aos escritores (o que em nada embota suas respostas singulares): é também a experiência psicanalítica, este livro diz isso em alto e bom som. Sabemos hoje que sua finitude procede daquilo que, do inconsciente real, ela pode lançar luz, cujas consequências podem ser lidas no poema que, para tal sujeito, faz viático. O lugar do poema: o inconsciente real; o tempo do poema: tempo de vivência

3 Jogo de palavras que equivoca os sentidos das palavras *trou* (furo; étrou: é furo/ser-onde), *trouvaille* (achado) e ainda *travail* (trabalho), ou seja, *faire l'étrouvaille* ressoa algo como “fazer o trabalho de encontrar o furo...”. (N.T.)

que responde à impossibilidade de morrer, tão vívidos quanto a clínica deposita ali sua imprevisibilidade e assim afeta o sujeito.

Se dormisse, o psicanalista poderia encontrar-se acordado, ou pelo menos atento, pois o despertar completo é marcado pelo selo do impossível; se não acordado, perturbado pela dança dos furos, suficientemente alerta em sua flutuação para ser atingido, apanhado e não apenas na parte de baixo, mas pelos entrecruzamentos dos por cima-por baixo que, ao errarem, vão para o lapso: lapso do *nó*, *lapsus calami* aos quais Lacan foi capaz de encontrar uma resposta.

O esp de um laps do qual este livro traça os contornos permite pensar que aquilo que ali está escrito merece uma leitura, leituras que, de fato, abrem o horizonte furado da psicanálise.

Albert Nguyễn

Psicanalista em Bordeaux (França), Analista
Membro de Escola (AME) dos Fóruns do Campo
Lacaniano, ensinante no Collège de clinique
psychanalytique du Sud-Ouest.

Prefácio à edição brasileira

“Você sonha muito? De que são feitos os seus sonhos?”

Xapiris e anjos, heresia e castração

Em *O espírito da floresta*, do antropólogo Bruce Albert e do xamã yanomami Davi Kopenawa, encontramos uma passagem em que se descreve o encontro entre Davi e o matemático Cédric Villani. Ao ver as imagens de equações no computador do matemático, o xamã a ele pergunta: “Você sonha muito? De que são feitos os seus sonhos?”.¹

E Albert nos brinda com a seguinte reflexão:

devemos reconhecer que idêntica necessidade parece impor, em qualquer mundo humano possível, a esses relatos do invisível que eles sejam objetos de simbolizações complexas (narrativas, plásticas ou gráficas), que estas sejam elaboradas por seres de exceção e que eles as produzam a partir de experiências subjetivas extremas . . . nos dois casos [do matemático e do xamã], é a partir do aprendizado dos limites da linguagem e apoiando-se

¹ Albert, B., & Kopenawa, D. (2023). *O espírito da floresta* (p. 106). Companhia das Letras.

*num novo conjunto de imagens do desconhecido que se cria, parece-me, um registro simbólico inédito para dar ordem e origem às contingências do mundo visível . . . o espírito das imagens-equações não chega aos matemáticos assim como as imagens-espíritos chegam aos xamãs?*²

Tenho cá para mim que Davi perguntaria também ao nosso querido Michel Bousseyroux se ele sonha muito, ao ver as figuras que, passeando por este livro, dançam, como xapiris que cantam para os yanomamis.

Por mais que o saber ocidental tenha tentado impor aos saberes silenciados e colonizados a pecha de primitivos, é bastante notório o quanto o que chamamos de avanço da ciência aproxima-se cada vez mais daquilo que ela sempre quis relegar ao campo do místico e do oracular e que, de minha parte, prefiro muito tomar pelo que ali há de sabedoria e poético.

Com audácia e liberdade, Bousseyroux nos ensina que não se trata de sermos sabidos, mas sim de nos deixarmos ser tão tolos dos nós e de sua cifração como somos do real do inconsciente. E, ao mesmo tempo, vamos além do próprio inconsciente quando, desatadas as mãos, tomamos nós que vão além dos 3 do RSI.

4, 5, 6, o seminário prometido por Lacan na última aula de RSI, e que Bousseyroux tomou para seu encargo, como vemos aqui, nos conduz a uma clínica da nomeação, e ir além do inconsciente passa pela nomeação, por uma psicanálise que inventa significantes que fazem nomeação, e não mais ou somente significação.

Isso nos permite pensar, por exemplo, que é por ter sido atormentado pela ameaça do ter ou não ter o pênis que um garoto, na Viena do século XIX, capaz de, enquanto estudante de medicina, dedicar-se à procura vã dos testículos ausentes na enguia, criará, com um complexo que chamou de castração, uma teoria e uma prática capazes de mobilizar tanta gente assim. Mais do que algo que passe

2 Ibid., pp. 106-107.

pela via universalizante do “Freud explica”, poderíamos tomar o complexo de castração e sua decorrente teoria falocêntrica como um ato de nominação do falasser que conhecemos por Sigmund Freud. Algo de sua teoria responderia, assim, como uma nominação pelo elo da fantasia, como Bousseyroux tão bem demonstra ser o caso para o Homem dos lobos.

Freud é nosso Homem dos falos. E lembremos, de passagem, o quanto Lacan, que tinha seus perrengues familiares com a verdadeira religião, vai assumir, na primeira aula de seu vigésimo terceiro seminário, o valor de nominação de suas três letrinhas pela homofônica *hérésie* (e ainda nos indicar que façamos psicanálise cada qual a partir de nossas nomeações).

Porém, se a topologia dos nós nos permite ir além do inconsciente, o mais admirável é ver que Bousseyroux não tem medo de ir além de Lacan – mas não sem ele. E, nesse aspecto, considero imprescindível o pequeno texto sobre a clínica da indistinção e os apontamentos dali derivados, como: a economia do gozo de órgão e o fazer corpo (I) como suporte no tratamento da esquizofrenia (continuidade entre RS); a consistência do ideal de eu (S) como possibilidade na melancolia (continuidade entre RI); a vida como bem não renovável (R) como operador na mania (continuidade entre SI).

Este livro nos mostra o quanto o falasser goza das cristalizações languageiras dos sintomas, como também das taxidermias do eu (o que localizamos como inibição), dos derretimentos das referências do existir como corpo e mente (angústia), e ainda das longas temporadas de um episódio só (seja pelo retorno à cena como no trauma, seja na replicação dela como na fantasia). É no movimento delicado de linguagens, imagens, fronteiras entre vida/não vida e o arriscar-se ao que escapa aos roteiros de repetição, que jogamos com nomeações capazes de cernir, no *triskel* de um enodamento tão possível quanto singular a cada caso, o objeto *a* como causa, movedor do falasser naquilo que (apesar de tudo) o-querer-viver testemunha na clínica nossa de cada dia.

Para além do inconsciente simbólico, manejar clinicamente com os nós é fazer funcionar, bem como escrever, a hipótese e a aposta de um inconsciente real.

Com uma certa passagem da lógica conjuntista à borromeana, encontramos menos as demonstrações de impossibilidades (como os recursos já clássicos a Gödel – que inventou, com os anjos, uma bela nominação pela inibição – e Cantor – cuja nominação foi amarrar infinitos) do que a exploração de mostrações possíveis para escritas singulares de mistérios do corpo falante. (E se Gödel, no limite e como cura, recorreu aos anjos, por que não pensarmos no que poderia haver de sofisticadamente lógico nos xapiris de nossos xamãs?).

Tomada diretamente como modelo da teoria dos nós, a clínica psicanalítica passa a ser *locus* de verificação de objetos e relações topológicas.

Retomemos, aqui, a terceira lei de Arthur Clarke: “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”.³

Difícil negar que há algo de oracular no uso poético que fazemos da teoria dos nós (e no uso lógico e topológico que fazemos da poesia como des-coberta/acontecimento enodante, na forma do esp de um laps). Afinal, o que tem caráter oracular não se dá pela demonstração ou pela explicação, como no inconsciente linguagem (cuja porta é a interpretação do sonho), mas como manifestação (qual num lapso). O que é oracular, como no inconsciente real, *se manifesta*. E este algo de oracular, considerando a terceira lei de Arthur Clarke, não é desmerecer a teoria e seu uso. Antes, ao contrário, é ver em todo seu rigor lógico-matemático e na significância que faz explodir, um vibrante pulso criativo e a potência clínica que carrega. Porém, não sem riscos, evidentemente.

3 Guerra, W. S. (2022, 4 nov.). *Tecnomagia: vigência da terceira lei de Clarke*. <http://www.migalhas.com.br/coluna/humanidades-e-novas-tec-ps://www.migalhas.com.br/coluna/humanidades-e-novas-tec-nologias/376502/tecno-magia-vigencia-da-terceira-lei-de-clarke>.

Enfrentar os riscos da/na psicanálise é algo que passa bem longe da endurecedora reprodução mimética de suas formulações consagradas no aconchego de instituições já mumificadas por lugares de poder conquistados à custa de um suposto saber dizer, para que dela não se mude uma vírgula, o que é e o que não é psicanálise. Nesse sentido, Bousseyroux é muito bem-sucedido ao nos mostrar que nem sempre a lógica é utilizada como malabarismo intelectual para transformar equívocos lacanianos em fundamentalismos.

Bousseyroux nos oferece entusiasmados passeios pelos bosques floridos da poética e da erudição; bem diferente das pesadas bandeiras coloniais pela mata fechada e espinhosa do lacanismo pedante no qual se disputam *status* e poderes institucionais. Isso faz Bousseyroux mais próximo de um tolo capaz de ouvir xapiris do que de um sabido herói bandeirante civilizador.

É por isso que, apesar de tanta lógica, o autor, por seu estilo, realiza a mágica de dar sabor a assuntos tão abstratos e densos.

E mesmo se eu levar em conta aquilo que eu discordaria da psicanálise lacaniana clássica e que encontra apoios na escrita de Bousseyroux – o falocentrismo e a teoria da diferença sexual que lhe corresponde –, o autor não deixa de nos oferecer argumentos interessantes à sua crítica.

Na Parte 1, “O ser sexuado e seus gozos. Entre lógica e topologia”, por exemplo, o autor nos deixa ver *en passant* os efeitos dessa universalização falocêntrica e misógina da teoria psicanalítica nas automutilações e fixações na dita “sexualidade feminina” de uma das mais ilustres analisantes de Freud, Marie Bonaparte, que parece endereçar mais ao analista e à própria psicanálise do que ao tio-avô os trágicos efeitos no corpo, de pessoas designadas mulheres, do “destino anatômico” da “diferença sexual fálica” (*vide*, inclusive, as pesquisas de Marie Bonaparte como A. E. Narjani). No trecho de suas memórias presentes neste livro – “É nas profundezas da carne materna que a natureza me fez, por meio do sexo, uma mulher

fracassada. Mas por outro lado, pelo cérebro, quase um homem.” –, o que encontramos é menos um material para que a psicanálise possa dar tratos à bola do que uma prova do horror ao qual pode levar o apego cego a uma teoria e sua prática. A automutilação de Marie Bonaparte não deixa de ser uma contranominação índice do real do complexo de Freud, ou seja, a castração.

O caminho da roça e a pedrada de Exu

Pode ser interessante retomarmos agora do lugar onde Bousseyroux nos deixa, qual seja, o nó borromeano generalizado, que Lacan e Jean-Michel Vappereau encontraram em março de 1979, como a escrita do corte do dizer, na medida em que, em função da leitura da homotopia, o nó atado escreve também sua condição de desatado, ou seja, um nó que é um não nó, ao mesmo tempo. Nó e corte.

Por mais interessante que seja tal achado, talvez seja importante reconhecer que, pela homotopia dos caminhos, qualquer nó borromeano atado equivale topologicamente à sua condição de não atado, visto que, na álgebra da teoria dos grupos, os por-cima-por-baixo do caminho de um elo pelos outros elos numa configuração borromeana se anulam, de modo que esse caminho é homótopo aos caminhos que não consideram os demais elos em questão (ou seja, aos caminhos que não passam pelos demais elos).⁴

Senão vejamos: consideremos a reta infinita x e um caminho C_1 , que, na verdade, é um laço, que sai do ponto P , não dá voltas em x e volta ao ponto P ; considerando-se x , o laço C_1 não é homótopo a um laço C_2 que sai de P , dá uma volta anti-horária em x e volta a P . Porém, o laço C_1 será homótopo ao laço C_3 que, saindo de P , dá

4 Para melhor entendimento, remeto ao vídeo da aula “Homotopia para crianças” do Prof. Hossein Movasati, disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=fy3jbjTId1E>.

uma volta anti-horária em x , depois uma volta horária (que vamos escrever x^{-1}) e chega em P . Portanto, x e x^{-1} se anulam, equivalendo a C_1 que não dá voltas em x . C_1 e C_3 são homótopos.

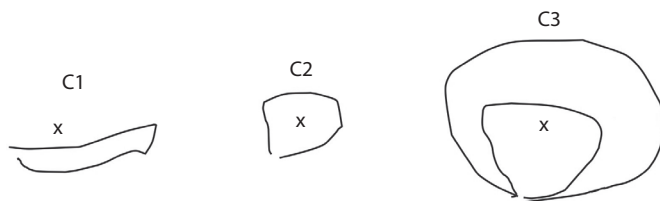


Figura 1 Três exemplos de laços.

Mas, e se tivéssemos duas retas x e y ?

Nesse caso, sem entrar nos meandros da matemática, temos o seguinte:

$$(x,y) \in \pi_1(\mathbb{R}^2 \setminus \{1,2\}, P) = \langle x, y \rangle$$

O laço C_4 considerado algebricamente para x, y será $(x,y) := x, y, x^{-1}, y^{-1}$. (Observemos que x e x^{-1} se anulam tanto quanto y e y^{-1} , equivalendo aos laços que não dão volta alguma em x e y .)

O que isso significa? Um exemplo. Considere acampar a uma equivalente meia distância entre a árvore x e a árvore y ; dar uma volta por cima (sentido anti-horário) na árvore x ; passar pelo acampamento; dar uma volta em sentido anti-horário na árvore y ; passar pelo acampamento novamente; dar uma volta por baixo (sentido horário x^{-1}) na árvore x ; cruzar o acampamento; dar uma volta por cima (sentido horário y^{-1}) na árvore y ; voltar ao acampamento. Eis o caminho:

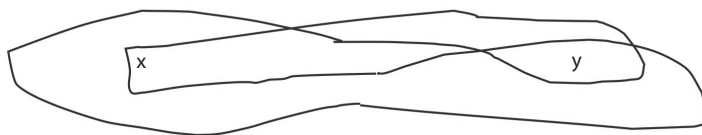


Figura 2 O laço C_4 .

Esse percurso C_4 , de modo linear e progressivo, considerando as árvores retas infinitas que atravessam o plano do chão e emendando, na região central do acampamento, o fim ao início do percurso, forma um nó a três pleno de borromeanidade.

Poderíamos ainda considerar três retas: $((x,y),z) \in \pi_1(R_2 \setminus \{1,2,3\}, P) = \langle x,y,z \rangle$. O laço C_5 , considerado algebricamente para x,y,z , seria: $x,y,x-1, y-1, z,y,x,y-1, x-1, z-1$, ou seja, um nó borromeano a quatro. Chegamos a que C_1, C_3, C_4 e C_5 formam uma família de laços homótopos, são deformações de um mesmo caminho.

Assim, podemos concluir que, considerado o tempo em suas dimensões topológicas, isto é, de maneira mais complexa do que a simples cronologia linear e progressiva, o caminho necessário para fazer um nó borromeano é o mesmo para desfazê-lo, pois o caminho que permite o enodamento com as retas infinitas e qualquer outro caminho que não passe por elas são homótopos.

Contudo, voltemos ao nosso parque. Vamos supor que chegamos e acampamos na segunda-feira. Na terça-feira, demos a volta no sentido anti-horário na árvore x e voltamos ao acampamento. Na quarta-feira, demos a volta no sentido anti-horário na árvore y e voltamos ao acampamento. Na quinta-feira, desfizemos a volta da terça-feira passando em sentido horário pela árvore x e voltamos ao acampamento. Na sexta-feira, desfizemos a volta de quarta-feira passando em sentido horário pela árvore y e voltamos ao acampamento. No sábado, estaremos de novo, homotopicamente, na segunda-feira, isto é, com o percurso não feito ou desfeito, tanto faz, se considerarmos a dobra temporal possível na topologia. E, para todos os efeitos, descansamos no domingo, fazendo outros usos do parque.

Essa dobra temporal que permite, como numa interpenetração num toro de Klein, sobrepor quinta à terça, sexta à quarta e mesmo sábado à segunda, é a mesma que podemos entender haver no genial

ditado iorubá que afirma que Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que jogou hoje ou, ainda, a intrincada dialética histórica que podemos desdobrar do sintagma proposto por Ailton Krenak como um de seus títulos: futuro ancestral. (Não deixemos de fora a famosa frase do Millôr Fernandes: “o Brasil tem um enorme passado pela frente”). Quão diferentes são essas temporalidades se comparadas aos mitos ocidentais de progresso e desenvolvimento!

Lembrei-me, ainda, de *O menino no espelho*, de Fernando Sabino,⁵ em que conta suas memórias de infância, começando por uma tarde em que ele, menino, sai para o quintal logo após a chuva e se põe a ajudar formigas a achar caminhos pelas enxurradas. Ali aparece um homem com uma pergunta: várias formigas andam pelo caminho, uma na frente de duas, uma atrás de duas, uma no meio de duas, quantas são? Ao que o pequeno Fernando responde, nove! Sendo corrigido por aquele senhor que, rindo muito, diz que são três, pois formigas só andam em fila. (O pequeno Fernando teria acertado se fossem as formigas da banda de Escher que serve de capa ao seminário 10 do Lacan!) O senhor, então, vai embora e Fernando nunca mais o vê, restando o enigma sobre quem era aquele senhor que mais ninguém havia visto. E assim ele segue contando suas memórias, até o último capítulo quando, numa tarde, logo após a chuva, descrevendo seu cansaço aos 50 anos, faz uma parada na escrita e vai à janela ver a paisagem da cidade molhada. Espanta-se ao se deparar com seu quintal de infância e ver lá um garoto ajudando as formigas. Sai para conversar com ele um breve momento e volta, acrescentando a palavra “fim” ao livro.

É o salto tigrino de Walter Benjamin, leitor de Louis Auguste Blanqui, no céu da história. Ou:

Minha tentativa de expressar a minha concepção de história na qual o conceito de desenvolvimento é totalmente

5 Sabino, F. (1984). *O menino no espelho*. Record.

*recalcado [verdrängt] a favor do de origem. O histórico, assim compreendido, não pode mais ser buscado no leito de um curso do desenvolvimento. Como já escrevi em outro lugar . . . no lugar da imagem do leito aparece a de redemoinho. Em tal redemoinho cruzam os primórdios e o tardio, a pré e a pós-história de um fato ou, melhor ainda, um status de ambas.*⁶

O afeto, como escrita no corpo, faz dobra temporal. Por isso, a temporalidade topológica da homotopia é real. Um afeto, o mesmo, enodando árvores x do passado e até mesmo de gerações antepassadas (árvores genealógicas, portanto) com árvores y do presente, convocando-nos a ler na dobra temporal topológica a homotopia a ser operada de forma a desenodar, desligar os sentidos, desfazer os laços e liberar as árvores passadas ao mesmo tempo que descolar afetos antigos de árvores recentes, para que os frutos, de ontem e de hoje, possam ser gozados de outro modo.

Ao mesmo tempo (afinal, não é e é um nó), trata-se de enodar o que lá se enraíza de gozo com o que aqui nomeia o falasser. Um religar pulsional, como é um enodamento clínico; e não religioso, como é o religar do sentido. (Razão pela qual, no término de uma análise, encontramos algo de seu início.)

Cama de gato e cavalinho de pau

Para brincarmos com os nós, o que significa levá-los bastante a sério, tomemos, por exemplo, o que Lacan propõe na última aula do RSI, em 13 de maio de 1975, considerando como quarto elo o que seria uma nomeação índice do simbólico, o sintoma, uma nomeação

6 Benjamin, W. (2020). *Sobre o conceito de História: edição crítica* (A. Müller & M. Seligmann-Silva, Trans.; p. 167). Alameda.

índice do imaginário, a inibição, e uma nomeação índice do real, a angústia.

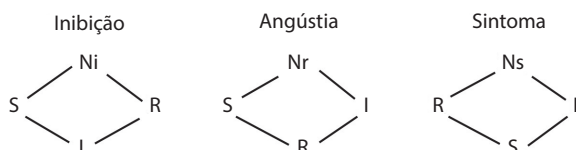


Figura 3 Nó de quatro da inibição, da angústia e do sintoma.

Se aplicarmos aqui o recurso utilizado para a obtenção do nó borromeano generalizado, isto é, colocar em continuidade dois elos de cada nó, veremos que o elo da nomeação pode se juntar com seus conexos, mas não com seu oposto, sem perder a propriedade borromeana. Assim faríamos os seguintes nós de três: I-SNi-R, I-RNi-S, R-SNr-I, R-INr-S, S-RNs-I, S-INS-R. As três combinações S-INi-R, I-RNr-S, I-SNs-R desfazem o nó.

O que nos responderiam essas deformações dos nós se as interrogássemos pela fenomenologia que sugerem?

Poderíamos pensar, por exemplo, para a deformação I-S(inibição)-R – que nos remete ao preenchimento do campo do simbólico pelo tampão da inibição, conforme o nó em que Lacan distribuiu inibição, sintoma e angústia como tampões na aula de 21 de janeiro de 1975 do RSI –, as manifestações de burrice neurótica e covardia mental? Vale lembrarmos que o tampão da inibição recobre o terreno em que encontramos o gozar das significações, dito gozo fálico.

E para a deformação I-R(inibição)-S? Caberiam aí a covardia moral dos deprimidos e as diferentes formas de inibição motora (não propriamente as conversões da histeria, que conviriam mais à continuidade entre R(sintoma) na relação com IS)?

E quanto ao nó R-S(angústia)-I, nele encontraríamos os fóbicos, os persecutórios e os neuroticamente supersticiosos e religiosos?

Interroguemos o nó R-I(angústia)-S e, se a angústia é tampão do imaginário, aqui o corpo é tomado de ansiedades e pânico, quando o gozo do sentido, tamponado, se esvai. É a topologia do pânico, como nos diz Bousseyroux no Capítulo 17, “O tempo urge”.

Temos ainda a variante S-R(sintoma)-I, que, permitam-me, com o sintoma tomando o real, poderia ser a topologia dos hipocondríacos, das conversões e, na medida em que alcance o verdadeiro furo, região tão longe do simbólico, podemos buscar aí também recursos para pensar os fenômenos psicossomáticos.

Resta-nos o nó S-I(sintoma)-R, ao qual reservo as deformações sintomáticas da imagem e as inflações de ego.

Sem pretender aqui uma nosologia ou uma espécie de CID borromeana, lanço-me somente no exercício de formalização que me faz pensar na clínica como modelo da topologia dos nós para tirar dele soluções antes não pensadas. Deixemos que os nós nos cheguem como imagens-espíritos aos xamãs ou imagens-equações aos matemáticos!

Por que não tomamos, por exemplo, o gozo do pequeno Hans com aquele *Wiwimacher* que lhe era tão estranho, como apontou Lacan em Genebra, quanto a pequena Hanna recém-chegada, a ponto de provocar ali, em S, uma falha no sentido que encontrou, como solução, a fobia como nominação pela via da angústia?

Eles se dizem – Mas, o que que é isso? E se dizem tão bem, que o próprio menino Hans só pensa nisso – o encarna em objetos que são francamente externos, isto é, nesse cavalo que relincha, que dá coices, que salta, que cai no chão. Esse cavalo que vai e vem, que tem certo modo de deslizar-se ao longo dos trilhos arrastando sua charrete, é o que há de mais exemplar para ele daquilo que tem que enfrentar e sobre o qual não entende nada . . .

O gozo que resulta desse Wiwimacher lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia.^{7,8}

Não teria sido o trabalho conjunto de Max Graf e Freud funcionado como um restaurador do nó do pequeno Herbert por operarem, na insistência do gozar das significações com as interpretações psicanalíticas, a reabertura e a inflação do gozo dito fálico, a ponto de puxar pelas orelhas os elos em continuidade do simbólico e da nominação real? Não pode ser à toa, no campo das nominações, que Herbert Graf, cujas cenas tanto serviram à comprovação das teorias de Freud, tenha vindo a criar, na vida adulta, a função, até então inexistente, de diretor de cena de ópera – afinal, não foi exatamente aí que Freud se colocou, com sua teoria, no lar dos Graf? (Não nos esqueçamos de Herbert que adquiriu a reputação de “garoto problema” ao aderir, como diretor em início de carreira, a política de vanguarda de sua época.) Talvez Herbert tenha também, de algum modo, voltado ao quintal da infância para conversar com o pequeno Hans e seus caminhos de formigas (mas jamais com um cavalinho de pau).

“Coincidências poéticas da vida”... dirão os que não gostam de nós.

Nomear não é significar, uma vez que a nominação, para lembrar Parmênides, nega a não existência do não existir, razão pela qual faz algo passar do impossível (não cessa de não se escrever) à contingência (cessa de não se escrever). Enquanto a significação,

7 Lacan, J. (Inédito). *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975).

8 Também o pequeno Chico, em Roma, precisou se haver com a estranheza de seu *creatore di pipì*: “Num instante tirei a roupa e me quedei pelado com a porta aberta, esperando esquentar a água do banho e ciente de que a *signorina* passaria por ali. Pensando agora, provavelmente no momento eu tinha uma ereção, mas eu então não sabia direito o que era aquilo que vira e mexe me acontecia. Era uma sensação bizarra que naquele dia me acometeu com maior vigor, o que atribuí a uma possível sequela da minha cirurgia de apendicite. Era como ter um novo apêndice crescendo abaixo do umbigo, porém algum sentimento religioso me impedia de olhar a coisa, que dirá tocar.” (Holanda, 2024, p. 66).

no que diz respeito à sua relação com a coisa, sempre mente – o que não nos leva necessariamente a pensar que a nomeação diga da coisa a verdade. A nomeação, simplesmente, descobre aquilo que, pela nomeação, acontece. E nesse campo, talvez não haja nomeação que não seja/faça poesia, dos anjos de Gödel aos lobos do Wolfsmann, dos cavalos do pequeno Herbert à *hérésie* de Lacan (prefiro essa nomeação ao “*étrou Là quand*”, que diz menos do próprio Lacan e serve mais às suas mensagens cifradas ao passe), do Celan de Paul Antschel/Ancel à terrível resposta automutiladora de Marie Bonaparte.

Como diz Lacan em 20 de dezembro de 1977:

*Por que existe algo que funciona como ciência? É pela poesia. A difusão desse World of mathematics me convenceu disso. Há algo que passa pelo que na espécie humana se reduz à relação sexual . . . Seja lá o que for, mesmo o que é dessa prática, também é poesia, falo da prática chamada psicanálise. Por que é que um homem chamado Freud conseguiu estabelecer uma arte analítica com a sua poesia – a sua, quero dizer?*⁹

Ao pensar o acoplamento, a 6, entre os elos do real e a fantasia, Lacan, partindo do princípio de não haver realidade que não seja constituída pela fantasia, propõe que o acoplamento entre esses dois, do real à fantasia, faz passar algo da matéria à poesia. Eis o que é próprio à ciência desembocando aqui na poesia, como também costuma acontecer na psicanálise, sustentaria Bousseyroux. E então encontramos em Lacan sua formulação equivalente à terceira lei de Arthur Clarke, se buscarmos na arte e na poesia o lócus para onde, recalcada pela civilização ocidental, a magia foi buscar refúgio.

9 Lacan, J. (Inédito). *Seminário 27 – O momento de concluir* (1977-1978).

O manto da apresentação

O céu está caindo, diz o xamã, diz a ciência. E estamos sonhando muito? De que estão sendo feitos os nossos sonhos?

Um mitopoema yanomami sobre o fim do mundo traz o seguinte:

Buraco.

Aqui buraco enorme.

Aqui terra buraco enorme se abriu.

Buraco fundo longe vai,

céu escorado,

no fundo céu foi escorado.

Na água céu caiu, na água se escorou fundo.

Choram todos.

Buraco fundo muito.

Alguns deitados pendurados (a um cipó “ambé-coroa”)

Adultos, adultos deitados pendurados,

crianças deitadas.

Céu desce, se aproxima; céu baixo, fundo, longe.

Árvore não. Saiu muito sangue, o sangue todo.

Aqueles deitados baixo,

aqueles deitados alto, perto, longe.

Cipós, mato emaranhado (cheio de espinhos, arbustos e cipós)

põem-se agachados aqueles, longe, perto.

Lá, lá céu cheio de rachaduras,

Céu rachado, xamãs.¹⁰

10 Andujar, C. (1978). *Mitopoemas yãnomam* (p. 19). Olivetti do Brasil S. A.

Nos Capítulos 17, “O tempo urge”, e 21, “A resposta de Maurice Blanchot: sua *Befindlichkeit* no real”, Bousseyroux nos adverte, discorrendo sobre a função da pressa, que o tempo não ek-siste sem o fim, ou seja, é o fim que torna o tempo real para nós. Algo da pressa sabe bem agir sobre a contingência da nominação, do enodamento.

No Capítulo 18, “Tampão do real e desfecho da análise”, encontramos o fragmento de uma analisante que, rememorando um sonho de infância, diante do enigma de uma porta fechada, encontrou do analista a pressa: “Mas quem há por trás? Mas quem? Quem?”. Repetição e insistência que fez o real sair como tampão do impossível, por uma palavra que, surpreendendo a analisante, veio fazer nominação do real. A experiência do prazo, a dimensão profana que o apocalipse vem ganhando, por diversas formas, põe-nos com urgências de nomear o real. (Escrevo parte deste texto com a garganta ardendo por causa da fumaça do terrorismo ambiental praticado no meu país.)

Mas Deus confiou a um louco brasileiro a missão de reconstruir o mundo: “Jesus filho, tranque-se num quarto e comece a reconstruir o mundo”. Assim um interno, que passou pelos momentos mais degradantes da história psiquiátrica deste país, entrou, então, num quarto da colônia penal Juliano Moreira em Jacarepaguá e de lá saiu depois de 7 anos, quando ouviu novamente a voz que lhe ditava o que era para ser feito, dizer que a obra estava concluída. Trabalho volumoso e incansável, feito com o rigor de um matemático e a responsabilidade de um xamã, que incluía uma arca de Noé de papelão e pano, ele que foi da Marinha do Brasil até ser expulso por indisciplina.

Da projeção de seu trabalho, uma vez tomado poeticamente e como obra de arte, ele diz não ter nada com isso, pois quem fez foi a voz.

Previra Arthur Bispo do Rosário que, quando lhe fosse permitido subir aos céus, sete anjos viriam buscá-lo e, uma vez lá em cima,

diriam os anjos: “Pai, arrasai o mundo em fogo”. E as nuvens, transformadas em fogo, consumiriam a Terra.

Bispo bordou suas memórias do mundo em estandartes. Um mundo de memórias escrito e desenhado com agulha na pele do pano. Gigantesca trança feita em panos velhos com panos velhos desfiados em linha. Desfiar uniformes psiquiátricos e re-fiá-los em laços e caminhos impensáveis, por cima e por baixos infindos, incluindo o manto da apresentação, que ele utilizaria para o dia do Juízo Final. A pele é o maior órgão do corpo humano. E quão grande era o corpo de Bispo, do tamanho do mundo, de tão gigantesca e grandiosa pele!

Por trás da porta fechada, o que havia, neste caso, era o louco que trabalhava horas por dia, não porque era artista, mas porque tinha que reescrever o real.

E quanto a nós, já fizemos nosso manto da apresentação?

Para Jota Mombaça, o apocalipse de nosso mundo, como o conhecemos hoje, é a única saída política razoável:

A luta pela descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo – o fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos. Como nos foi dado conhecer – mundo devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heteronormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino e atualizado pela colonialidade do poder; mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência, do genocídio sistemático de populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans e de outras tantas.¹¹

11 Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora* (p. 82). Cobogó.

E se, nos riscos da poesia, Bousseyroux nos leva ao debate entre Adorno e Celan quanto ao ato bárbaro que seria escrever poemas após Auschwitz, talvez tenha lhe escapado dizer que o próprio Adorno, por causa mesmo do encontro com a poesia de Celan, fez sua autocrítica: “O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema”.¹²

E quanto ao apocalipse? É um ato bárbaro escrever poemas para o fim do mundo? Não para Tatiana Nascimento:

Cuíer A. P. (ou “oriki de shiva”, v. 28 out. 2018)

*nós vamos destruir tudo aquilo que você ama
e tudo que vc chama “amor”
a gente vai destruir*

*porque c chama “amor à pátria”
o que é racismo
c chama “amor a deus”
o que é fundamentalismo
c chama “amor pela família”
o que é sexismo homofóbico y
c chama transfobia de “amor à natureza”
(o que que c sabe da natureza? pra vc a natureza
é só mais alguém pra ser dominada)
o que c chama de “amor pela segurança”
é militarismo*

12 Adorno, T. W. (2009). *Dialética negativa* (p. 300; M. A. Casanova, Trad.). Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1967).

*y o capitalismo
 c chama de “amor pelo trabalho”
 (mas mentira, é pura adoração pelo dinheiro)
 e o que c chama de amor pela democracia
 é golpe.
 o que c chama de “amor à humanidade”
 é especismo, achar que todas as outras pessoas
 no planeta, todas as pessoas não humanas
 têm que servir a você
 y esse seu “amor pela Palavra”, pela sacralidade da es-
 critura,
 na real é só um caso histórico de má-tradução — que
 conveniente pra vc, né, chamar deus de “ele”
 mas eu, que olhei dentro de mim e vi a face
 amorosa de deus, sei que Ela
 é Preta.
 você que come ódio que vive ódio que
 vomita ódio, qual é a face de deus
 que olha de volta sua mirada?
 então se liga: nós somos
 seu
 apocalipse
 kuír, y vamo destruir
 tudo que vc ama, seus ideais de
 “civilização”, “cultura erudita”,
 “amor pela liberdade”,
 “justiça”,*

isso que não passa de liberalismo,
 galerismo buguês,
 política racializada de
 encarceramento, epistemicídio,
 genocídio colonial: quer matar tudo
 que ri, tudo que goza, tudo
 que dança,
 tudo que luta.
 quer matar a gente.
 mas a gente, que nem semente daninha,
 vinga, se espalha, sobre
 vive!

porque a gente, que você amaldiçoa
 em nome do seu amor doentio, segrega
 dor, htcisnormativo,

a gente que é amante,
 a gente é que vive y espalha

amor. (Nascimento, 2019, pp. 9-12)¹³

Se *Befindlichkeit*, em Heidegger, é o afeto de quem enfrenta o real e daquele que responde a ele, como nos lembra Bousseyroux, novas nomeações do real, novos modos de gozo, novos nós estão respondendo às urgências do mundo. A psicanálise precisará abrir ouvidos a eles. Já se ouvem os gritos nas orelhas de analistas. Já se ouvem os gritos dos analistas: “Quem está batendo na porta? Quem

13 Nascimento, T. (2019). 7 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo (pp. 9-12). Garupa e Kzal.

está chutando a porta? Quem está forçando a entrada? Mas quem? Quem?”. E nesse sentido, *Eu sou o monstro que vos fala*, de Paul B. Preciado,¹⁴ talvez tenha sido uma nomeação numa direção absolutamente outra em relação à de Marie Bonaparte. Prazos e urgências batem à porta da psicanálise. *Befindlichkeit*. Bousseyroux corre os riscos e assume um ir além. Hora de um ir além. Entre a princesa e o monstro, talvez seja a hora de escolher o monstro: 4, 5, 6... 7 anjos ou mais.

Conrado Ramos

Poeta e psicanalista membro do Fórum do Campo
Laciano São Paulo e de sua Internacional.
Mestre e doutor pelo Instituto de Psicologia da USP.
Pós-doutor pela PUC-SP.

Referências

- Adorno, T. W. (2009). *Dialética negativa* (M. A. Casanova, Trad.). Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1967).
- Albert, B., & Kopenawa, D. (2023). *O espírito da floresta*. Companhia das Letras.
- Andujar, C. (1978). *Mitopoemas yãnomam*. Olivetti do Brasil S. A.
- Benjamin, W. (2020). *Sobre o conceito de História: edição crítica* (A. Müller & M. Seligmann-Silva, Trans.). Alameda.
- Guerra, W.S. (2022, 4 nov.). *Tecnomagia: vigência da terceira lei de Clarke*. <https://www.migalhas.com.br/coluna/humanidades-e-novas-tecnologias/376502/tecnomagia-vigencia-da-terceira-lei-de-clarke>.
- Holanda, C. B. (2024). *Bambino a Roma*. Companhia das Letras.

14 Preciado P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala* (C. Rodrigues, Trad.). Zahar.

Lacan, J. (Inédito). *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975).

Lacan, J. (Inédito). *O momento de concluir. Seminário 27* (1977-1978).

Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Cobogó.

Nascimento, T. (2019). *7 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo*. Garupa e Kzal.

Preciado P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala* (C. Rodrigues, Trad.). Zahar.

Sabino, F. (1984). *O menino no espelho*. Record.

Preâmbulo

*Seria necessário que tivéssemos na análise
o sentimento de um risco absoluto.*

Jacques Lacan, 16 de dezembro de 1975¹

Lacan correu o risco da topologia desde o início. A partir de 1953, basta ver seus *Escritos*,² nas páginas 321 e 322, em que ele relaciona a estrutura da fala ao toro. Sem correr esse risco, ele não teria conseguido inventar nem o objeto *a* nem o real borromeano.

Lacan também correu o risco da poesia. Desde 1933, ao publicar em *Le phare de Neuilly* “Hiatus irrationalis”, soneto escrito em agosto de 1929, diretamente inspirado por sua leitura da tese que Koyré acabara de lhe dedicar³ da mística de Jacob Boehme, e na qual flui – já! – a torrente, não mais densa que seu sonho, do gozo feminino. E até seu

1 Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma* (p. 44; S. Laia, Trad.). Zahar. (Publicado originalmente em 1975-1976).

2 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (pp. 321-322). In *Escritos* (pp. 238-324; V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Publicado originalmente em 1966).

3 Koyré, A. (2000). *La philosophie de Jacob Boehme* (col. Bibliothèque Histoire de la philosophie). Vrin. (Publicado originalmente em 1929).

diálogo com François Cheng que testemunha este dia inteiro de 1978 passado com ele em Guitrancourt meditando sobre o poema chinês “A Torre do Grou Amarelo” e seu dizer do *Vazio mediano*.

Para que serve a topologia? Para explorar as organizações de furos, verdadeiros ou falsos. A topologia borromeana serve para cingir o furo, o verdadeiro, seus pontos de entrave e rangidos (portanto, de gozo). Esse verdadeiro furo da estrutura (o *Ungrund* de Boehme) é o que a poesia (ainda mais depois de Auschwitz) tenta não voltar a tapar. “A poesia não mais se impõe, ela se expõe”, escreve Paul Celan.⁴ A psicanálise também.

A topologia de Lacan está intimamente ligada à sua prática. Às vezes, sobretudo em dias de seminário, sua mesa ficava repleta de desenhos, círculos de barbante, câmaras de ar recortadas ou pequenas bolinhas brancas nas quais linhas de três cores se entrecruzavam. É porque Lacan pretendia fundar o real de sua prática psicanalítica sobre o real que os nós escrevem.

Tirar algumas consequências clínicas e estruturais dessa escrita do real borromeano que Lacan inventou é o que tenta fazer este livro, que reúne uma seleção de trabalhos e apresentações do autor nos últimos dez anos.

Correr o risco da topologia e da poesia, expor-se aí como psicanalista, é *expandir a psicanálise*. Expandi-la é, primeiro, eximi-la do sentido e, portanto, até da religião. Mais ainda, é trazê-la para fora das grades do *psíquico* em que Kant aprisiona o inconsciente, para introduzi-la, com a topologia, numa nova estética, e, com a poesia, numa nova ética, abertas ao saber sem sujeito do inconsciente *la-língua* no qual o poema sem poeta que ele nos faz ser tem seu lugar e cujo *hiatus irrationalis* só conseguiríamos atravessar assinando-o

4 “La poésie ne s'impose plus, elle s'expose”. Nota do poeta publicada na revista de poesia e arte *Les cahiers de L'éphémère* após o seu suicídio ocorrido em 1970, em Paris (*Éphémère* 1970, n. 14). (N.E.)

com o *a* da causa que ali se deixa cair, como Michelangelo assina na Capela Sistina seu *pelema*⁵ [*peauème*] do Juízo Final.⁶



Figura 1 Michelangelo, O juízo final (1536-1545),
Capela Sistina, Roma, Vaticano (detalhe).

5 Jogo de palavras entre os vocábulos *peau* [pele] e *poème* [poema]. (N.T.)

6 Bartolomeu (um dos doze apóstolos, padroeiro dos açougueiros, curtidores e encadernadores, que teria sido esfolado vivo e que Michelangelo pintou aos pés de Cristo) segura ali com a mão esquerda, como um dejeito bom para deixar cair nos infernos dantescos (ao passo que segura e olha com a mão direita uma faca, como se tivesse esfolado a si mesmo), seus próprios restos mortais. O historiador de arte Francesco La Cava levantou a hipótese de que, no rosto desfeito dessa pele pendurada, é possível reconhecer (a partir do retrato do pintor feito por Giulio Bonasone) o autorretrato de Michelangelo, então com quase 70 anos. Por essa pele flácida do rosto, arrancada como uma máscara de angústia, Michelangelo, cuja pele os teólogos da cúria desejavam, assina sua obra inaudita, deixando cair os velhos despojos daquilo que ainda fazia casula ao objeto que causa a miséria do sujeito.

Lacan correu o risco da topologia desde o início. A partir de 1953, basta ver seus *Escritos* em que ele relaciona a estrutura da fala ao toro. Sem correr esse risco, ele não teria conseguido inventar nem o objeto *a* nem o real borromeano. Ele também correu o risco da poesia. Desde 1933, ao publicar “Hiatus irrationalis”, soneto diretamente inspirado por sua leitura da tese que Koyré acabara de lhe dedicar, da mística de Jacob Böhme, e na qual flui a torrente do gozo feminino.

Para que serve a topologia borromeana? Serve para cingir o furo, o verdadeiro, seus pontos de entrave e rangidos (portanto, de gozo). Esse verdadeiro furo da estrutura é o que a poesia tenta não voltar a tapar. “A poesia não mais se impõe, ela se expõe”, escreve Paul Celan. A psicanálise também.

Extrair algumas consequências clínicas e estruturais dessa escrita do real borromeano que Lacan inventou é o que tenta fazer este livro, que reúne uma seleção de trabalhos e apresentações do autor nestes últimos dez anos.

Michel Bousseyroux

Excerto adaptado do Preâmbulo

Prefácios de Albert Nguyên (edição francesa)
e Conrado Ramos (edição brasileira)



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Correndo o risco da topologia e da poesia

Expandir a psicanálise

Michel Bousseyroux

ISBN: 9788521224730

Páginas: 448

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
